

The background features a minimalist landscape with dark grey jagged mountain peaks at the bottom. Three light grey, fluffy clouds are scattered in the sky: one on the left, one at the top center, and one on the right. The title is centered in a large, bold, black serif font.

AS ASAS SECRETAS DE DEUS



AS ASAS SECRETAS DE DEUS

UARLEN BECKER

EDITORA PENALUX
GUARATINGUETÁ, 2017

AS ASAS SECRETAS DE DEUS

PREPARAÇÃO

França e Gorj

EDIÇÃO

1ª Edição, 2017

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Murilo Guerra

REVISÃO

Paulo Henrique Paiva Lima

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

B396a **BECKER, Uarlen. 1976**
As asas secretas de Deus
Uarlen Becker
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017.

130 P. : 21 cm
ISBN 978-85-5833-278-1

1. Poesia I. Título

CDD.: B869.1

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Brasileira



editora
penalux
.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A reprodução de qualquer
parte desta obra só é
permitida mediante
autorização expressa do
autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39,
Guaratinguetá, SP, 12500-260

AS ASAS SECRETAS DE DEUS

AGÔ	16
GALÁXIAS	19
ALGO	20
IGBINS NA SEXTA FEIRA.....	21
DON JUAN 21	22
CARROSSEL.....	23
MIRANDO ESSA LUZ QUE DISTANTE TOCA EM MIM...	24
AUSÊNCIA.....	25
ENTRE POR FAVOR,	26
CABEÇA TUA.....	28
CASINHAS COLORIDAS	29
CATA	31
COMO VENTO.....	32
VÃO SECRETO	33
TEU CORAÇÃO É CHUVA IMÓVEL	34
PROFUNDA	35
OCOS.....	36

OCO.....	37
ÓRBITAS.....	38
PARTIDAS.....	39
RESPOSTA.....	41
SEX AND MORT.....	42
UM MAR NOSSO	44
PERCO	46
SAUDADE APAZIGUADA	47
LIBERTINO CORAÇÃO	48
ODOR.....	49
HOJE SOU MULHER MAIS QUE ONTEM.....	50
LÍNGUA TRÊMULA.....	51
MARTA.....	52
PRIMEIRO BEIJO	53
MADRUGADA.....	54
UM DIA.....	55
NUNCA DITO.....	56
NADA NADA ME PERCO	58
BOCA.....	59
CANALHA	60
CONGELA.....	61
FACE.....	62
FUJO	63
AMOR VÃO	64
DEUSA.....	65
MIUDINHAS.....	66
SUBMERSO.....	67

INFERNO	68
ELÉTRICO	69
DESAMAR	70
FENESTRA	72
FRESTA	73
FILIPINAS MÃOS	74
NOITE	75
MEMÓRIA	76
NÓS	77
NOSSO AMOR	78
TRADUÇÃO	79
SABER	80
SOMA DE COMPENSAÇÕES	81
A FALTA QUE SENTE	82
ARDE ESCURA	83
BRINCANTE	84
E NOS COMEMOS	85
E QUE MELA	86
E QUE MELA II	87
INTERLÚDIO	88
MAR ADENTRO	89
AÇOITE	91
ACORDO	92
A TUA BUNDA QUANDO DESPERTA	93
DAQUELE ARFANTE CORAÇÃO ENSANDECIDO	94
HÁ UMA GOTA DE CRUELDADE NO AMOR	95
LOUVADA ORGIA	97

QUE É DE MIM E QUE RESPINGA.....	98
O QUE LIGA.....	99
PROFETA	101
VELHO AMOR	102
ESTRELAS.....	103
INCONTIDAS	105
O DEMÔNIO	107
AMAR-TE	108
AMANHECI CRIANÇA.....	109
AMOR IMPOSSÍVEL.....	110
CONFISSÃO.....	112
CARNEIRINHA.....	114
AGONIA DA NOITE.....	115
AQUILO QUE ADIANTA.....	116
PENUGEM.....	117
O FANTASMA	118
O AMOR ENCANTADO	119
RIMA.....	120
DAS COISINHAS TÃO NOSSAS	
SUSPIRO FUNDO NO FINAL DO GOZO	121
O RUBOR DAS HORAS NUAS.....	122
AS ASAS SECRETAS DE DEUS	123
AH, N' ÁGUAS DE OXUM	125
ROGO	126

Graças à Deusa;
Para Ana Paula, amor;
À minha família, presentes e antepassados,
Pelo que sou.
Aos colegas do teatro.
À família do
Axé.
Òké Aro!

UARLEN BECKER

Artista Multi

Falar sobre um artista e, especialmente, sobre um poeta através dos seus poemas é um grande desafio, principalmente quando esse poeta é Uarlen Becker que vagueia entre diversos fazeres artísticos e estabelece esse vagar como para garantir a sua posição em cada expressão artística, seja como escritor, ator, diretor de teatro, dramaturgo e que ainda, na sua inquietude de descobrir e de se comunicar, fundou o *Grupo Usina de Teatro* que investe em dramaturgia própria e pesquisa espacial, conforme o próprio autor. Uarlen tem quatro livros publicados e cerca de dez peças encenadas, com algumas delas premiadas, além dos seus textos *Bílis Negra* e *Meninas das Luzes* que foram adaptados para o cinema dando vassão ao ato de criar, como um explodir de candomblecista, filho de Oxóssi e Ogan de Oxum que se manifesta e se expressa ou a nós, com toda a sua intimidade, como

sinal de tempos de transparência, esta, infelizmente, ainda longe do cenário brasileiro que se desmancha nos subterfúgios do não confessado e que se juntam às dúvidas que tumultuam @s poetas. Para Maiakovski, a revolução toma todo o seu sentido apenas se ela permitir aos homens separar-se das mesquinharias da vida pequeno-burguês, do papel pintado do conforto doméstico, içar-se ao nível de um amor verdadeiramente internacionalista, planetário, aumentar a alma e o coração às dimensões do universo, fazer frente a Deus, conjurar a morte, discutir intimamente com o sol, as estrelas, o século futuro (p.20)

E foi com esse olhar, tendo como guia o poeta Maiakovski – nos 100 anos da Revolução Russa– que, com alguma insegurança, nos jogamos no abismo dos poemas que desfilaram – diante de um entristecido olhar por sobre esse momento em que arrancam a esperança dos povos do mundo –como folhas que foram se soltando e, conforme Matisse, trazendo o cunho da sua época histórica.

Nesta obra, *Asas Secretas de Deus*, nos parece, no seu contexto geral, que o autor faz uma tentativa – seja assumindo os seus conflitos, suas procuras, suas contradições– de mais uma vez se reencontrar e ser aceito por Deus, que é o que está escrito no poema *Entre Por Favor...*

Conforme afirma Terry Eagleton, na obra *Marxismo e Crítica Literária*, para Marx, “a arte e a literatura faziam parte do próprio ar que respirava”. Desse modo,

se apresenta e lhes apresento o poeta *Uarlen Becker* em *As Asas Secretas de Deus* quando suplica em Agô “[...] Livrai-me disso. De sentir as coisas e entendê-las [...]”. Em *Caracóis*, como num passeio lento e pela lembrança, no mesmo ritmo, é a tristeza que se mistura com a solidão que são atenuadas pela lembrança de uma alegria que existe, mas que não cabe *no movimento das maçanetas*). Assim, Uarlen, na ousadia que ultrapassa e tenta atrapar-lhar o visível, afirma em *Mirando* “[...] incertas as verdades da mulher que ainda sou [...]” Continuamos vibrando com a beleza dos poemas e nos chama a atenção o poema *Profunda*, zombando da multiplicidade em que vivem os poetas, “[...] posso ser o que quiser com a minha liberdade moldada [...]” enfrentando a hipocrisia social em “[...] de nada tenho medo, a não ser das mentiras que contam os homens [...]”.

Assim prossegue o poeta, em *Brincante* quando afirma o sentimento dos injustiçados inconscientes, com “esse brincar de viver [...]” ou a lucidez dos que não se deixam enganar. E mesmo diante da crueldade do amor, ele se expõe “[...] o que é de mim eu mostro ao mundo [...]”...

Prossigamos, car@s leitores, embaixo d’*As Asas Secretas de Deus* e acompanhando, esse artista *poli*, como um farol, Uarlen Becker que segue se mostrando, nos mostrando mais e mais a nos reconhecermos enquanto humanidade! Parabéns, poeta e companheiro nessa

aventura de viver e revolucionar nas *Asas Secretas...* de...
Só sei que precisamos ferrar esse maldito tempo que temos enfrentado com a nossa arma poética e a nossa organização horizontal E boa viagem com *Uarlen Becker* nas *Asas Secretas de Deus!* Quando aterrissar fale, por favor, com ele sobre esse passeio! E cuidado para não surtar mais do que já se encontra, em processo de surto, a sociedade brasileira!

Salvador, 05 /09/ 2017

Ametista Nunes

Poeta

“Kosi Obá kan afi Olorun”.

AGÔ

Na secura da minha língua e com a boca
Dos meus antepassados eu peço: agô.
E mesmo com meus pés enlameados
Que me tomes como um grão
De areia e me ponha
Na estrada lisa, que retire dela
Esses percalços,
Provas de meu dissabor.
Perscruta minha mente,
Compreende por favor minha
Pele tesa e salgada.
Torna-me doce outra vez
Como aquela criança
No seio gordo da mãe.
Entra em meus mistérios,
Apaga de mim o sono imenso,
Dai-me de comer como a um boi
Ou um caramujo.
Que seja logo,
Livrai-me disso
De sentir as coisas e entendê-las,
Pois não há fuga possível, bem sei.
Faz-me tosco e selvagem, então,
Para que não entenda minha sina
E a tenha como extinto puro.

Torna-me bruto, lobo guará, onça pintada,
Cobra venenosa, cão vagabundo nas ruas,
Qualquer coisa que balance ao vento
E voe,
E voe para qualquer lugar
Que não esse aqui nesse instante.
E possa entre mentes ser outra coisa
Que não essa carne,
Esse sangue,
Esses olhos,
Esses dedos,
Esse sexo,
Essas unhas dos pés,
Essa voz que não cala,
Esse falso livre arbítrio
Onde nada escolho,
No que sou escolhido
E preciso aceitar.
Torna-me novamente aquele menino de
Unhas sujas,
Que sabia do nada, encantado
Com o mundo.
Torna-me.
Torna-me.
Torna-me outra vez em sonho.
Oh, em prantos rogo a ti
Que me diga.

Que acene.
Que seja singelo como aquela
Gorjeta dada a meu pai
E transformada em sandálias novas
Para meus pés descalços.

GALÁXIAS

E mesmo sendo opaco ele brilha.
No entorno das galáxias
Onde nada tem fim e é plano
De profundezas, onde o espanto
Da criação é massa negra
E pontos de luz e rochas,
Ele brilha.
Meu assombro é puro encanto
De risos contidos,
Quando circundo as vias universais,
Planetas e caminhos,
Quando pasto em trilhas as mais
Difíceis e calcinantes.
Quando desencontro de mim e
Dos anéis de saturno e das luas
Infundas, quando me encontro novamente
Em fino contraste e me deparo
Por acaso e abraçando seu templo.
É como voltar para casa.
É sentir novamente aconchegos
Ancestrais de intimidades
Sempre postas, sempre ali.
Galáxias.

ALGO

Nada havia atrás da porta
senão algo de mim
de mais secreto e profundo
algo de que tenho medo
porque sei e sabendo a coisa
mais se esconde.

Nada há atrás de mim senão
eu mesmo, posto um passo
à frente em primazia para
os outros, esse que não
se mostra em secreto, mas visível.

20

O que há dentro de mim senão
os desejos que não se explicam,
as ilusões que não se calam,
as concretudes que não se exprimem,
a fome que não se cura nem se cansa
de ser?

IGBINS NA SEXTA FEIRA

Em plena sexta feira
Os igbins aparecem na chuva.
Deixam pela parede seu rastro
Lento de saudade e tristeza,
Erguem os olhos em tangentes de amor.
Na gosma transparente,
Vejo a marca indelével de tua alegria,
Teu amor guardado e tua paixão.
Os igbins escorrem pela porta,
Como escorre minha triste amargura,
Visgo encharcado de extremosa compaixão
E medo de mim.
A presença está marcada para sempre
No sempre do abrir e fechar,
Das maçanetas que descem e sobem,
Na lembrança de um beijo cordial, amoroso,
Dos vestidos esvoaçantes,
De almas que se cruzam na correria de uma calçada.

DON JUAN 21

Já não são as mesmas.

A passagem do tempo mede-se pelas mãos,
que palmo a palmo revelam

o curto período de tempo dessa existência.

Dentro em pouco serão mil os seduzidos,
os que se contorceram na alcova,

no meu leito de luxúria e solidão.

Esse minuto de silêncio em que as cortinas se abriram
ou as luzes se acenderam eu me permiti observar mais
um pouco.

Mais um pouco e atentamente.

Quantas vezes a gente se permite olhar atentamente?

Olhar os outros é olhar para nós mesmos?

Já não sei o que sou.

Uma coisa?

Um bicho indecifrável?

Uma multidão cercada de multidões?

Já sei: um coisa alguma, como se diz.

Talvez.

Mas reservar um instante para contemplar

O que há por dentro.

E as coisas já não são as mesmas.

Nem eu.

Nem aquele.

Nem aquilo.

Nem o mundo.

CARROSSEL

Venha amor, vamos ao carrossel.
Não fique tímido, os giros,
Os giros são tão perfeitos,
Nem a vida seria assim inteira.

Vem amor, esteja perto de mim,
Não me prives de seu toque,
De seus dedos secos e frios,
De seu fôlego abundante, em brasa.

Venha amor, vamos nos embriagar
E gritar surdos os gritos dos outros
Que passam e nos olham
Inertes, boquiabertos e convulsivos.

Venha benzinho, vamos ao carrossel,
Girar dentro de nós mesmos,
Segurando nossas mãos, abraçando-me
Forte, empastando meu rosto nu com teu suor.

Venha, venha, vamos ao carrossel,
Esqueça quem somos, sejamos ousados,
Deixa eu tocar teu peito,
Que é em mim essa pequena morte.

MIRANDO ESSA LUZ QUE DISTANTE TOCA EM MIM

Incertas as verdades da mulher que ainda sou.
Tudo que brilha me consola.
Esse amor guardado no seio da carne
E essa paixão claudicante, puro hermetismo.

Árvore de frutos doces com interior aerado,
Secretamente dispostos à vista de todos,
Que consolo benzinho?
Que consolo teremos nós que muito nos amamos?

24

Em mim sua face opalescente
Que ainda assim me ofusca noite e dia e não passam
As horas, arrastam-se segundos,
Corpo quente, sobejo e audaz.

O que sobra é a espera pelo retorno da tua flecha,
Teu desejo novamente aceso e animado.
Eu mulher acordada e livre, livre de desejos,
Mirando essa luz que distante toca em mim.

AUSÊNCIA

Trago comigo toda uma queda de dias
sem o rubor das distâncias,
pois ela está fincada em minha pele
palmilhando as ausências,

fincada em meu peito como cravo
e rosa, rarefeita em minha memória,
um braço em meus ombros,
fios de olhares cruzados

como amor enfim de contentamentos
humanos e crentes, incêndios
no firmamento e dentro de nós,
um tempo grande sem segundos ou minutos

25

que se plasma, que se estende,
que é irreversível mesmo diante do
chão de pedras negras e brancas,
naves espaciais, círculos inomináveis

que testemunharam o sortilégio
do amor naquela tarde de chamas brancas e azuis
na esfera celestial, repleta de espectadoras
e que renascerá num fictício pensamento.
Lembrança.

ENTRE POR FAVOR,

sente, pare
e me escute.

Talvez eu tenha, eu tenha
esse fundo negro, o negro,
é meu dono, indignado eu digo
e espero que você compreenda.
Que um fundo negro não é assim
sombrio, imóvel, mas o ponto,
o ponto de luz seguro onde me escondo
me escondo de tudo
que é mais claro e evidente.

26

É aqui onde temo e me esqueço, Deus,
onde digo e redigo a Você, que
seja eu um dom maculado, pois ser dom
já é uma nódoa tão,
tão aparente que de longe vislumbro
o que há de escuro em mim, em mim
e em nós.

Espere, não se vá, não entenda, escute,
escute apenas, sem pena de mim,
sem piedade, sem espanto ou terror,
o horror de calar, de calar e ao tempo mesmo
dizer nesse lapso de tempo, que tenho
que tenho em mim os medos, os segundos,
segundos de paixões, de amores, desejos,

desejos já nem digo, na rua, deitado,
deitado na areia daquela praia antiga.
Por mais um minuto apenas eu te diria
que sinto o negrume espantoso, nauseabundo,
que late, que late em mim, cão feroz e amável,
sem palavras, mas palavras não vãs,
as vãs eu esqueço, presumo e resumo
em suspiros não poéticos, asco de um tempo
tão certo, que sinto, que abraço,
que apalpo, que beijo, que aperto.
Entre, por favor.

CABEÇA TUA

É aqui onde pousa tua cabeça inquieta,
teu espírito indomável e olhos febris.

É aqui em minha face que você descansa sua cabeça
nervosa, explodindo em mil estrelas.

É onde me transmudo e desço
ao meu mais secreto inferno.

E amoleço estremecida, salpicada de ti, agora não mais.

CASINHAS COLORIDAS

Não, não se curve, surgirão notícias dos amigos,
As pedras já não são tão duras,
Os caminhos não são tortuosos, o amanhã
Nascerá sempre com um clarão.

Aquele gosto queima adocicando a boca,
Insiste impregnando a pele tal e qual
Um gozo que não se esquece,
Um prazer de antes que ecoa no futuro.

Queime a falsa esperança, vã e sem propósito,
A esperança tola dos desiludidos
Aquele que encanta e é doce e troque pelo
Rugir dos vulcões em cólera.

29

Tudo deixa de ser um simples erguer de cabeça
Ao toque lúbrico dos dedos persistentes,
Onde a vida sobeja, úmida, cíclica
E de planos nunca realizados.

Oh, teremos lá adiante as casinhas coloridas,
Teremos a praia, o vento obstinado
A castigar eternamente nossas faces coradas,
Apodrecidas pela maldição de sermos coisa.

As mudanças de hoje, fugazes, serão
Como tudo mais, como tudo, os mortos,
E as coisas eternas não são imutáveis,
Mas as pequenininhas, que somente nós sabemos,
As joias de valor inestimável que temos agora
E tornaremos amanhã, em breve, no amanhã.

CATA

Cato em mim ainda a face descorada,
Escavada em qualquer lixeira,
Em qualquer flor nascida no chão,
Divisão de espaço e vida e morte.

COMO VENTO

Tudo que se esvai é como o vento,
sopra rijo e poderoso, torna
manso e corrói por dentro.

Como o vento, canta a ária
do desespero sombrio, mais belo
que o próprio canto.

32 Tudo que posso é limitado, basta
dizer das flores e do odor que emana de ti,
dedos soltos em uma espécie de parto
dardejante qual espelho sonoro de mim.

Tudo que se esvai é como o vento,
solto e pujante, viril e cheiroso,
esse cheiro ardente de nuca e pelos.

Tudo que eu digo se transmuda em palavras
inauditas, cosmo do etéreo, quando teus
olhos já se derramam em vida.

VÃO SECRETO

Amo, todavia, como um fio de luz morta
que há de chegar a seu destino
e vai iluminar um coração roto, desses comuns.
Contudo te amarei sempre, amor tão profundo será
que o mais distante de ti me servirá de aconchego.
E nas rotas de colisão das traçadas vidas
nos encontraremos, olhos cansados, vestes puídas
e mãos gastas, em um vão secreto de nós dois.
Minha boca não se abrirá, saberá que te amei.

TEU CORAÇÃO É CHUVA IMÓVEL

Teu coração é uma chuva imóvel?
Não rega e não é seiva.
Tornou-se um transbordar de cercas
De arame farpado transitivo direto
E pessoal.
Fura, queima e arde.
Sangra o outro e a si mesmo.
Virou sombra do consigo, é antônimo
E mero conceito.
É água que não se molha e nem se bebe.
Teu coração não pulsa como os versos gregos.
Virou qualquer coisa que não anda, que nem vejo.
Teu coração é como diamante.
Duro. Tesouro que brilha.
Guardo em mim outra joia
De um valor inestimável, água corrente,
Que purifica, que se mexe e remove as sombras.
É chuva abundante, seiva de vida, que traz alento
Para o deserto quente, planície de imensidão vazia.

PROFUNDA

Não lhe digo nada, sou dessas ardentes,
francas por fora, intensa por dentro
e inconsequente pelos meios.

De nada tenho medo a não ser das mentiras que
contam os homens.

Posso ser o que quiser com a minha liberdade moldada:
puta carniceira, virgem assombrada, gay solitário,
onanista desprezível, velha virgem recalcada.

Mas não perco os gozos infindos dessa vida em lama,
pois da lama eu vim e para lá retornarei, em gozos.

Profundos.

OCOS

Enquanto suspira um restinho
De gozo,
Lembrança do impulso recente.

OCO

É injusta minha necessidade de
Seu toque.
Injusta é a ânsia de beijos e afagos,
Que não foram ainda supridos por
Um alguém qualquer como eu
Injusta, há em mim a injusta falta
De um abraço que não tem mais fim.

ÓRBITAS

O anel que não te dei
É forma de sonho,
Encantado como os planetas,
Orbitante no mar sem fim,
Num universo de sal
E vai e vem.
Agora é matéria de júbilo e verdades,
Desfaz-se entre rochas
E seres alados, uma ilusão
Difusa e virtuosa.
O anel era de vidro.
Quebrou-se em um instante
De paixão e medo,
Parte de mim naufragado.
É presente aos deuses.
Quedo de queixo erguido,
Aniquilado.

PARTIDAS

Bebo mais um gole.
Ofereço a ti,
Mesmo que para isso eu cave
Com as unhas o ar que me fora
Tomado.
Em meio a isso lembro
Da mãe irritada e depois sorrindo.
Da vizinhança em fúria e melancólica.
Estou num carro em movimento
Parado dentro dele.
E tudo se move e me deixa em prantos.
Tudo era e não é mais.
Rogo a ti que me salve.
Tudo na vida são estilhaços.
Estilhaços ou sombras de uma realidade
Passada.
Como o ventre em que estive
E o peito em que fui amamentado.
Choro de saudade e de lembrança.
Choro de desejo e de paixão.
Não existem derrotas.
Tudo na vida é vitória.
O que foi, o que é
E também o que será um dia, será vitória.
Do possível que será feito

Nesse mínimo instante em que estou aqui.
O cão me beija como quem diz adeus.
Urgente beijá-lo também.
E ser cão sendo gente.
E ser pássaro sem poder voar.
As plantas estão paradas.
O amarelo de suas folhas está presente
Em mim
Como um final anunciado
Que chega sorrateiro e brando.
Tenho em mim o ódio dos que amam
E dos que já não podem amar.
A secura dos lábios é demência.
Esmurro o chão em busca de outro eu.
Bebo outro gole e celebro a ti.
A memória é névoa e gosma ao mesmo tempo.
No chão frio me deito triste.
Tudo é vitória em mim.
O que foi,
O que é,
E o que passa.

RESPOSTA

Noite

Longa como dedo

Sinto

De tudo tenho medo.

SEX AND MORT

42

Apago o rádio, apago a TV,
Ligo a mim mesmo,
um toque de perfume qualquer.
Uma lambida na sobrancelha,
passada de mão na face corada.
Saio na rua em busca.
Em busca de uma boca-amante,
boca-paixão, de uma boca.
De uma parede escura, um muro sujo,
um arfante coração, um delírio qualquer.
Um sonho mágico, um instante
que me faça bem vivo.
Um perigo iminente, um rosto-verdade,
um olho profundo, lábio encarnado
uma carne viva, sequioso.
Mas não consigo dar um basta, pica-mula.
Um tiro na cara e a arma?
A ilusão, quimera, elegia.
As pernas entreabertas,
o falo a balouçar entre o jeans.
Na contramão ela vem vindo,
cigarro na boca, salto alto,
penso no sangue, no esperma grosso,
na saliva fina, no pulso e no gelo
do copo que bebemos, suas mãos sempre grossas,

sua barba rala, a rua escura, o matinho
brilho de orvalho, sereno, pica-mula,
carne-viva, suor, me leva aos outros planetas,
secretos prazeres, recônditos e é aí que
sinto o cheiro, sêmen, suor, saliva, tabaco,
desordem, cansaço, tremor, respiro fundo
e a morte já não era.

Passou. A boca. A boca-amor.

A boca-sonho.

A boca-morte.

UM MAR NOSSO

As tardes quentes de verão sobem frias.
Minha mãe é um lago cheio de mágoas
e eu uma ilha que brilha cercada de medo.
Às vezes paro em um ponto e fito sem motivo.
E o dia se esvai por entre meus pelos e dedos.
A noite chega sorrateira, se senta comigo e não bebe.
O amanhã se aproxima e é o meu desespero.
O cheiro nervoso das horas que gotejam.
O sexo imaginado ao toque dos dedos.
E estanco diante do nada, um transe.

44

Mas já sei a razão: um vazio que escorre.
Minhas palavras são navalhas na tempestade,
Lâminas flamejantes, eu sei, como bicho acuado,
acuado e medroso que fico ao saber da perda,
ante todas as perdas: de ti, de mim, da felicidade, planos
cristalinos, mãos unidas,
olhar em frente, risos por nada,
inebriados de amor, de fumo, de prazer.
Feliz quem se reconstrói e perde o medo.
Agora já não posso reclamar, fundido em meus
delírios calcinados, nas bordas afiadas do que
já não é e nem será.
Ou será?
Ou será que terei de estar novamente em um outro
lugar

e ver-te surgir por ali, na esquina e dar-me a mão
e dizer que não, que não faremos assim,
mas o que for delimitado em cinzas tão claros, em fios
de rios e lagos e desaguar no mar.
Um mar nosso, que não terá mais fim.

PERCO

Eu todo me perco, me torço,
me desfaço em pontos de tua pele,
palavra não há que redesenhe
os traços fundos
dos cheiros sentidos
do caldo de nosso espasmo.
Em cada fio de teu gozo
um brilho infindo
de vida em que me perco todo.

SAUDADE APAZIGUADA

Há uma saudade apaziguada,
dessas que se conformam
e já não sabemos se é dor
a falta que sente.

Há uma saudade pura quietude,
que aceita e contempla o vazio
do que já foi e não é mais
na correria lenta da memória.

Há um querer que não se completa
nem ocorrerá numa manhã
ou tarde quente ou fria,
mas ficará guardado.

E eu um dia serei também
no porão de tua memória
uma saudade apaziguada.

LIBERTINO CORAÇÃO

É a estrutura do mundo sagrado,
reflexo dos deuses, espasmódica contorção,
triplo querer e desquerer uma noção
fria das coisas essa dúvida e incerteza.
É um descontente prazer, precipício de medos
de perdas, de assombros, de coisas repentinas,
desejos atormentados e risos escuros.

Todas as vezes que eu rebento em flor
insurge em meu peito o clarão, o lampejo
do sagrado, sempre a desamarrar o que
está torto em mim, de agora, adiante,

48

o que não avança mas se completa em ser.
Invento o futuro na medida mesma da desmedida,
do vazio preenchido nas ânsias, noites insones,
querer aqui preso, mas amor que não existe
é esse libertino coração, essa felicidade repleta,
esse odor de coisas miúdas, inefáveis,
as que transcendem do medo e da carne.
Palavras não atendem ao chamado que urge
da música e da alegria e da fome imensa.

ODOR

Ah, que saudade da convivência tua, fria e presumida,
de teu hálito tímido e fresco,
de tuas pernas ingenuamente abertas,
de dormir embalada
sorvendo o odor em minhas mãos
anteriormente pousada em teu sexo.

HOJE SOU MULHER MAIS QUE ONTEM

Hoje acordei meio morta,
morta de você e de mim,
morta de vazios que não sei nem dizer,
só os olhares ligeiros podem falar,
só o coração sem ritmo irá afirmar, noite insone, caixão
de lágrimas, eu ridícula e só, sem tua luz que ardia
no final do túnel.

Tuas palavras de amor, canto ao pé do ouvido,
nossos sonhos infinitos sem traição.

Hoje sou mulher mais que ontem, monstruosa e feia,
a que cospe palavras em tudo, vingativa e insóbria.

50

Hoje sou mulher mais que ontem, copo vazio
Até o topo, cheio daquilo que se chama nada.

LÍNGUA TRÊMULA

É a totalidade de teus fios e sonhos que se abre em carne
e gozo, frêmito indelével na ponta de meus dedos.

É a língua trêmula de antes, repasto para meu corpo, um
seu escravo.

Tudo cai, haicai.

MARTA

Ela era triste, sempre donzela,
agarrada a seus medos e sonhos.
Já uma mulher de verdade,
não sabia o que queria da vida,
arreatada por seus mil sonhos e um milhão de dons.
Os presságios indicavam a arte, outros sonhos diziam da
caridade.
As bocas que murmuram predisseram cuidar de animais.
Quais?
Mesmo triste, era sorridente.
Carente dos homens, tinha tanto a dizer,
tinha tanto a dizer,
tinha tanto a dizer
que nem os livros todos do mundo
poderiam caber tudo o que ela tinha
em seus sussurros e pensamentos.
Poderia ser cantora, afinada que era;
ou ter sido bailarina, bastava treinar.
Mas, triste o quanto foi, buscava um caminho,
achada perdida em seu país de maravilhas!

PRIMEIRO BEIJO

Você me tenta eu me
Entrego pois te amaria
No deserto das ideias
Em nosso lodaçal.

Dou um berro
Sou o berro
Cabrito que grita
Carneiro.

Sou carne e ferro
Sou sangue e aço
Sou suor e marfim.

53

Sou o que grita
e canta
um raio em céu
da manhã.

Primeiro beijo
Em ti,
Teu.

MADRUGADA

A madrugada deitou-se em meu peito
solfejou qualquer lamento,
reluziu e fez estreito o meu coração.

Desceu sorrateira e rósea,
pastou abundante no campo de ilusões
que haviam transformado o meu rosto.

A madrugada cresceu em grãos
quentes e minúsculos de refúgios
caídos de sepulcros.

54

Onde meu apregoei nesse instante,
algo mórbido e prazenteiro
ilusões do angelical festim?

Veio fria em sonhos quentes onde me iludo
em poucas doses, nos recantos da mente,
nos vagões etílicos de prazer.

A madrugada, a madrugada, a madrugada
chegou mansa em mim, dançou feérica
e foi-se como o canto de pássaros no verão.

UM DIA

Um dia hão de tocar-se novamente nossas tangentes,
como pétalas que roçam ao embalo do vento.

Um dia certamente haveremos de sussurrar aquelas
coisinhas prometidas inda ontem nos momentos de
paixão.

Um dia haverá uma hora em que olharemos em nossos
olhos
e o mundo não será.

Um dia.

NUNCA DITO

A saudade é dos teus beijos e das
palavras de amor
as
palavras de amor
que nunca foram ditas
eu as imaginei e as guardo
em meu coração.
É a saudade que tenho
das
palavras de paixão que foram ditas
no
canto de minha orelha
embaralhadas no mundo
de
fôlegos e que tais.
Um cheiro que dilacera naquilo
que nunca fora dito
e
que sentes falta na solidão
da
orfandade de agora e de sempre.
A vontade eterna daquilo que não
se
sabe e daquilo que não se vê.

Uma faca amiga cravada no peito
em
respeito ao que nunca fora dito e que sentes falta.

NADA NADA ME PERCO

Eu todo me perco, me torço,
me desfazo em pontos de tua pele,
palavra não há que redesenhe
os traços fundos
dos cheiros sentidos
do caldo de nosso espasmo.

Em cada fio de teu gozo
um brilho infindo
de vida que me perco todo.

BOCA

E minha boca será tua boca,
Dizendo em meus ouvidos:
boa noite amor,
nessa noite clara de luz azul de lua,
um luar que me rasga em fios,
pelas gretas da janela.

E hoje, apenas hoje a minha alegria
será a tua alegria em dor, com brilho
fugaz, mas que cintila.

CANALHA

O canalha diz não para si mesmo.
Consegue apagar o fogo que arde.
Sabe conter a chama do que diz amor e amar.
Esquece tudo e segue barbado pelo caminho.
É minha meta e precisão
Esse produto humano,
O ser canalha.

CONGELA

Uma pausa.

Uma pausa e congela tudo
bem quente para eu respirar e sentir
nossas coisas tão nossas
novamente
e novamente, mais uma vez,
insistente

Pausa.

Pausa e repousa leve na dobra de meu dedo
íntimo e me faz sentir amado
que sou agora triste e frio
como quem

61

Congela.

Congela aquele momento de ternura
daquelas coisinhas tão pequenas que só um olhar pode
dizer
com o talento de um artista
as mil palavras
contidas e não contidas em um ver
dentro de uma ação
que se chama amor.
Que se dizem amar.

FACE

Cato ainda um qualquer rosto para mim,
de face instantânea e calorenta,
cultivada esteticamente no alfabeto dos deuses,
plasmada em espécie de templo,
rarefeita como a luz que não mais se vê.

Uma face em chamas, brasa viva de ser,
rasante meteoro, chuva implacável,
linha de horizonte em azuis carnavais,
que se chame por si e se baste inteira,
sem juízos, sem dúvidas, sem finais.

FUJO

E em mim encontro você
No lado fundo da cama
Um lado sem cor
Todo amor
Todavia desnudo
Espécie de transcendência.

AMOR VÃO

Não é culpado quem ama,
Quem desfere palavras vãs,
Sendo vão o amor que é apenas sobra,
Amor que já não basta por ora e necessita
Ser engavetado no arquivo frio das distâncias.

DEUSA

Queria não acreditar
Em Deus
Pela forma como age,
Mudez completa
Ser e estar.
Eis que de repente ele surge
Como um rato
Mastigando um pedaço de banana
Segurando aquele naco
Com as mãozinhas singelas
Olhando para mim com olhos
Redondos
Sem medo, só a pureza
De ser como eu uma criatura.
Pensei meu Deus, como você é ardiloso
Em sua sutileza.
Revela-se como rato
Ou rata.
Será que come para dar de mamar aos filhotes?
É assim como eu um ser que mamou.
Será você a minha mãe, em cujos seios
Um dia eu mamei?
Oh Deus!
Oh Deus!

MIUDINHAS

Você já não tem
Você já não tem saída
Tua saudade consome ossos e sangue
E em cada poro pedaço de carne tua
Você já não tem saída
Você já não tem
Não sai do lugar
Não mais caminha
Respira inerte sem força
Finge e finge que vive
Automaticamente
Autóctone
Folha inda presa no galho
Um fino traço
Com cara de bravo
Tua saudade é das miúdas
Miudinhas
Miudinhas
Miudinhas
Que ardem e doem
Sobre e sob a tua saudade.

SUBMERSO

Mergulhe. De olhos bem fechados.
E dentro de mim há de haver um mar
Infinito de azuis, de lábios roxos,
De uma frescura verde de falsos vermelhos.
Em severas e intensas entregas, rosados pudores,
Dois olhos vendados em gozos de sonhos.

INFERNO

Há um inferno em mim,
de bocas entreabertas,
bocas e mãos firmes,
um inferno em mim
de pés e peito ardentes,
um inferno de carnes
que se tocam iluminadas
e diurnas, a espera
infernai, a espera
do que espirra,
do que chama o redondo
68 beco estreito e a salivar
na escuridão noturna
e amedrontadora dos encorajados,
do inferno que há em mim
das lágrimas secretas
de um Deus claro-escuro,
que me sente, eu sinto.

ELÉTRICO

É essa a vida que me deu
Líquida
Um tanto de vidro
E maleável como a sombra.
É a vida que me deu essa
De assombros e palpitações
Tantas surpresas inumeráveis
Que a desgraça nem se avoluma.
Amar o que é sempre para amar
E mesmo com tanta tristeza se deixar levar
Por essa sobra de vento que nos empurra.
Ah se soubesse o que sinto
Meu peito seria vazio sem esse amargor
Que mesmo um pouco de vinho e estrelas no céu
Já não garantem uma órbita
Tão duradoura
Quanto esse amor que sinto
Que fere e dói
E me eletriza na madrugada e no dia.

DESAMAR

O mais difícil é amar ou esquecer?

Desamar e encobrir o amor como uma onda

Sobre um castelo de areia.

Uma onda lenta, castelo impávido e colossal.

E o amor?

Desamar é como um punhal cravado em flor

Nos olhos?

Como ave que devora meu fígado e minha face.

Um copo com água até o topo que nunca termina

Para uma sede infindável de amar

Que urge desamar.

70

Partem todas as horas e os minutos ficam

Para trás.

Desamei?

Serei como a árvore frondosa que se

Despetala e pensamos morta e noutra estação

Lá está novamente em brilho e fulgor

Com seu amor todo verde, puro assombro?

Como matar o dom divino sem trair

O que há de mais inexorável em nossa condição

Maior que é amar e não desamar?

Desamor?

A falta que arde como fogo em pele que nunca

Desiste?

Bebo um copo de desamor e ele passa por mim

Em vão.

Esqueci?

Pego de surpresa entre as trilhas do amor

As coisas pequeninas e insignificantes

Onde repousa o que é preciso esquecer

E amando, desamar.

FENESTRA

É preciso seguir adiante,
Como se o antes nunca fora,
Se o agora é chama e brasa em flor
E o amanhã será mais belo noturno e diurno.

Guardar o amor em um envelope imaculado
E repousá-lo em uma gaveta.
Dobrar sua dor e depositá-la em um pote,
Pois é você mesmo uma coisa que se desliga.

72 As decepções e teu coração em cacos você
Os recolhe e varre para debaixo do tapete,
Põe qualquer móvel por cima e relaxa
Com ópio ou mesa de bar.

Tudo quanto foi seu amor em coisinhas miúdas,
Passeios na praia, filminho dublado,
Comidas sem gosto e inesquecíveis em surpresa
Será agora, como você, defenestrado, um tempo,
Um hiato para qualquer outra coisa
Que não se chama amar.

FRESTA

À sombra de tudo que carrego desde que fui gestado
E herdei de passados remotos,
Entender o dia como tesouro visto, a chuva como
Joia móvel e o chão em que piso como crepúsculo
De uma chama viva, à sombra de tudo sou perfeito,

[São].

São coisas perfeitas e sem o caldo sujo de minhas ideias.
Tudo vive em si. E me reflito e me trespasso em tudo e
gosto, como gosto.

73

E vejo nas coisas paradas ou móveis uma fresta
Do sorriso que carreguei em mim.
Por onde ainda sou.

FILIPINAS MÃOS

Num pequeno trecho da minha mão

fez residência o cheiro de teu sexo.

Em uma linha perdida e infinda da palma, habita

a lembrança em odor de teus pelos, de tua pele

em brasa, filipina, dourada, loteada em mil cantos
de sereias encantadas.

Ah, minhas mãos perdidas para sempre nos vãos

de teu corpo esguio, fruta doce por onde caminha

minha língua, meu queixo, meu sexo sempre um rio

que se desvia lento para as curvas de seu templo.

Minhas mãos guardam a sagrada lembrança, a marca

74

indelével de nossos sonhos e suspiros mancos,

de tua face ruborizada, teu olhar tão doce

e teu sorriso envergonhado, tão seu.

NOITE

A noite chega e vou-me embora
Em passos tímidos e largos
Na doçura de quem ama
E sente.

A noite chega e tenho medo
Antes mesmo dessa presença
De que ela caia sobre mim
E sente.

A noite chega e já não durmo
Uma gosma sangrenta
Um corpo vazio
Uma cama pregada
E um medo das horas da noite.

MEMÓRIA

Éramos o topo do mundo
Uma planície cerrada em si mesma
Circunscrita na imprecisão das coisas
Não ditas.
Tínhamos os olhos cerrados e enlustrados
Como a brisa e a névoa das manhãs.
Era um amor tão puro e cúmplice
Como os dedos das mãos irmanados
Ou os cílios que caem convenientemente
Como uma gota de mel
Ou aquele banho ligeiro
Ou o cinema em eternidade
Ainda a roupa com o velho perfume
O gosto do chiclete em tua boca
O cheiro dos cabelos ensolarados
E o toque sutil e displicente
Das mãos que falam.
E já não dizem
Agora.

NÓS

É em teu corpo delgado
Que deito e pasto

Sou teu pasto e
Esteira em meu
Corpo esguio.

Diga sim ao meu alento
E veremos o que
Ficará no entorno
De nós
O que ficará por
Dentro de nós
Em ti em mim.

Finjo, nego e re
Invento um eu
Um tu
Um nós.

NOSSO AMOR

Nosso amor é o meu egoísmo,
é tua lágrima desesperada do coração palpitante,
é opalescente nosso amor, é fio incandescente
de negrumes, é unha escondida sob o gelo,
é grito apreendido no tempo das paixões,
é aquele aprisionado em segredo, arquejante
e imoral, imoral mesmo, de brilho opaco.

Nosso amor é intransitivo,
é verbo que não se diz, mas que se grita
até não mais poder.

TRADUÇÃO

Ser e correr ao nosso encontro.

Traduzir-me nas tangentes sutis de nossas órbitas,
eu e você, uns em um, em eu e você, todos nós,
nossa carne, teus dedos em riste, um corpo intruso.

Assim faço a tradução dos mundos de nós, sempre
uma ausência que perfura, sempre essa alegria passada
que me sufoca.

SABER

Saber é maldição.

É perdido tempo.

Dor de antevisão

SOMA DE COMPENSAÇÕES

Mas as palavras não contam
Quando fala o corpo.
Interlúdios imperceptíveis,
Algozes do coração inflamado.
Mas as palavras são inúteis
Já agora nesse breu total de enganos.
O desvelo inexpressivo.

A FALTA QUE SENTE

O que é essa falta que você sente?
A falta de um momento gravado,
Um instante de náusea e prazer,
O peito em chamas,
Sem pulso e sem ar,
Os pés descalços tocando de leve
O outro pé.
Que falta é essa que sente doer?
A falta mesma do toque frio e delicado,
De uma xícara de café produzido em surpresa,
Da pipoca antes do filme dublado,
Da íntima roupa trocada em puro gozo
De poder vestir.
A falta que sente é a mesma de todos
Os tempos.
É das coisas irrelevantes,
Que gritam surdas no deserto
E não há agora, nesse instante,
Quem possa ouvir e saciar
A vontade constante
Da falta que sente.

ARDE ESCURA

Que não soltasse a minha mão
Mas ela já estava solta
Balançando sozinha inerte no dia quente
E na noite mais escura.
Que atendesse o grito do afogado,
Por socorro e entendimento
De que era ali um suspiro
Para deixar de amar
Ou simplesmente sufocar
E dobrar o amor como uma folha
De jornal impresso com toda aquela história
Grafada nos mínimos detalhes.
Pois amor é assim, mora nas coisinhas pequenas,
As vírgulas, parágrafos e toques,
Os olhares e o atender sem ser pedido.
Um eco do que fomos.
Não somos.
Tu és agora,
E eu sou aquele que pedia em pranto
De fogo e brasa que ardia e arde
E que precisa arder escura,
Debalde.

BRINCANTE

Esse brincar de viver.
Sortimento de penúrias.
Transidos de pena e indignação,
Beatitude concreta
E choro minguate
Num quarto crescente
De descaminhos
E almas desertas.

E NOS COMEMOS

Nas noites e dias claros é assim que estou
por entre seu olhar fugidio, imerso na timidez
por minhas palavras que saem do coração de
encanto,
de paixões, de contente-estou.

O teu olhar, plasmado na sombra da timidez,
tanto se faz mais belo quando percebo que
se descansa aliviado em mim.

E QUE MELA

Quando toco o botão, o botão
em flor,
teu botão em flor, uma pétala
se desnuda ao sabor de
minha língua, a tua pétala, a

tua flor
que cheira, que só cheira,
gosto gostoso,
cara de pistache, branco,
ocre, vermelho, azeviche,
flor que se abre e que mela,
me escorro quase todo.

E QUE MELA II

E quando floresce o teu
caule, despetala-se em
mim o desejo inda frio
de colher o teu íntimo, seiva
vital, esparrama e que mela,
me transbordo quase toda.

INTERLÚDIO

Será em você que me entrego nua?
Potente noite entrelaçada
em silêncios soturnos e tortos,
a você a alma inteira, gritante
e plausível como a folha seca, vã.

A você que me pede toda em olhares,
risos de imprevista timidez,
de ressonar discreto em fria
noite outonal.

88 Não, não será agora a hora
de dissipar os passados feitos,
ora, viver aquele instante,
interlúdio entre o nós e o que
é lá fora, descompasso.

MAR ADENTRO

Como um lenhador eu corto
Em mim o que há de mais sagrado.
Dilacero o que há de belo,
Harmônico e profano.
Rememoro minha infância guardada
E calada no implícito.
É um frescor profundo e morno.
A dor que sinto é desmedida e me alimenta.
Caminho, faço e refaço o que é preciso
Todos os dias como autômato
De mim mesmo.
Pergunto: por que meu Deus?
Onde me encontrarei novamente?
E cato no repasto da vida
Algun outro eu para o repositório
Dessa calamidade que é ser,
Simplesmente ser e aceitar-se vivo.
E, sendo criatura ínfima que sou,
Aquiesço as ilusões e a névoa densa
Do que se perde, do que se doa,
Do que se vai para trás, do que não
Se quer esquecer mas é preciso
Que se vá num barco mar adentro.
Barco solto ao mar, navego só
Pelas correntezas incertas e calmas

E nervosas do continuar sendo
Essa criatura que me foi imposta.
E num instante mais claro
Como na infância guardada em mim,
Num instante que dobro uma esquina,
Deixo para trás aquele eu
E me deparo transfigurado com a poesia.
E me descubro.
E me encontro novamente.
Assombrado.
Como broto que se quer árvore
Frandosa.
Como um deus morto que vive aqui dentro,
Uma estrada para contemplar
E dar o antigo
Primeiro passo.
No caminho.
Laroiê.

AÇOITE

Tantas palavras e nenhuma te golpearam

Nem de longe como o açoite

De ações impiedosas em estado de amor.

ACORDO

Acordo sem acordo.
A manhã é quente e dura.
É duro o chão, é sem brilho.
A morte não é mais próxima
Porque nós a afastamos.
O sol inda fraco no horizonte.
Os cheiros são da cama vazia,
Estupor entre sonhos e delírios
Doidos.
A coisa orgânica se funde, penso
Logo que uma febre me pega.
Me tomam os sentidos.
Ponho a cabeça ao chão e me elevo
Aos céus através dos olhos
E do pensamento.
É concordância de mim para mim mesmo.
E leio a reza apaixonado.
Ela me encanta e me vira do avesso.
Choro em convulsões
Com as mãos enlameadas
E os pés cheios de mel.
Constato em tristeza vã:
Estou em mim.
Acordado.

A TUA BUNDA QUANDO DESPERTA

A tua bunda, a tua bunda quando desperta
e brilha, é a assinatura dos tempos,
marca dos deuses, dedo de Pagus e Jeová,
é minha doçura, cortesã, assassina de meu coração,
destino de mim por inteiro, rasga acesa desbunda,
entrância saborosa, trilha de minha língua,
fôgareiro aceso escuro, pelos em chamas
que ardem sem fim.

DAQUELE ARFANTE CORAÇÃO ENSANDECIDO

Abro os olhos ainda inebriados
Com a forma de tuas fantasias
Os cheiros, as audições inaudíveis
De teus cantos, gemidos e sussurros.

Abro os olhos ainda inebriados
Da tua afeição inconsequente,
Não há nada contra você senão
O puro dissabor de teus sorrisos.

94

Abro os olhos ainda inebriados
Com o arrepio de teus toques imagéticos
Macios e intensamente firmes,
Existirá teu perfume(interrogação)

Abro os olhos ainda inebriados
Dos prazeres etílicos e sedosos
O hálito da diaba a arrebatando meu fígado,
A fumaça alegre das antigas cortesãs.

Ao abrir os olhos fantasiosos
Recordo-me da fantasia telúrica
Do brilho de todas as coisas,
Daquele arfante coração ensandecido.

HÁ UMA GOTA DE CRUELDADE NO AMOR

Há uma gota.

Há uma gota de crueldade.

Há uma gota de crueldade no amor.

Dessas que não se sabe mas se sente,

Atormenta, fere e mata aos poucos

E sufoca como água, que é líquido da vida.

Há uma gota de crueldade no amor

Como sendo uma ausência bem presente

Que insiste em ficar instalada no pensamento

E no peito qual chama eternamente acesa

A nos lembrar que a hora agora é e nunca

Se apaga.

Há uma gota de crueldade no amor

Que não se faz ouvir,

Que se faz calar e gritar por dentro

Em labaredas de desespero e dor.

Há uma gota de crueldade no amor

Que se exime de pranto e lágrimas, que não

Se compadece dos afogados

Nem dos suicidas pois tudo

Não fora dito e agora é.

Pois há uma gota de crueldade

Amarga e pura lã a ferir a garganta

Dos que amaram e já não podem tão cedo amar.

Já não há luar nas noites frias
Cegadas pelas flechas da gota de crueldade
Do amor.

LOUVADA ORGIA

Louvada seja a santa orgia
das lúbricas fricções
dos gostos azeitados e das
gostosas posições.

Louvada seja a santa pica,
caralho melado de porra
em tua santíssima buceta secreta,
abeta aos mundos, rios que correm
ao deleite, ao sacro prazer.

Louvado e bendito cu,
rosa negra, olho fechado,
aberto aos gloriosos e puros
gozos, soberbos, teu cheiro
de porra, de gala, caldo
pronto a sorver da buceta.

Louvada seja a tua bendita orgia.

QUE É DE MIM E QUE RESPINGA

O que é meu se afoga nos outros.
Eu venho disso de muito longe.
As sentimentalidades brilham
na superfície das coisas.
Aquilo que pertence ao real
cintila sobre a mesa.
O que é meu íntimo oculta-se
no fundo da gaveta.
O sol brilha nos varais.
Já tenho muitas saídas.
Meus cabelos se fundem ao topo
branco das nuvens do céu.
Minhas mãos tocam o firmamento
de meus singelos pensamentos.
O obscurantismo das coisas
me enerva profundamente.
Me atraio pelo que é marginal
mas com vida.
O pútrido me fascina.
O que é de mim eu mostro ao mundo.
Sigo em ofensas indesejadas.
Tento vestir uma só máscara.
Despir a roupa sob a pele.
Tocar a ponta de luz de ser uma coisa.

O QUE LIGA

Estava ali iluminado e espantado
Sob um halo de luz que não se sabe
Branca, amarela ou azul.
Espantado por saber existir.
Porque sentia, e sentir
É o barro que dá liga
A isso que sabia existência.
E pensava assim
Oh meus deus, queria não acreditar
E negar e te negar e não saber.
Mas sabia.
E saber é o germe que
Apodrece a alma com aquele amargor
Do chá de folhas.
Eu, que também evito saber, acabo
Sabendo de tudo o que me vem
Assim de repente num estampido surdo
Em minha pobre cabeça.
E também eu, que tenho a liga de barro
A isso que me sei existente,
Também eu, meu deus, quereria negar
Ou não saber.
Mas porque sei, finjo odiar amando
Um ódio teatral e rebelde,
Que escapuliu de entre os dedos

E um amor que desejo em fuga, em rotas
De colisão por qualquer estrada.
Sem liga, sem nada.

PROFETA

Como se querem as manhãs, que nascem
Em ordenação de cores, eu sou distante delas,
Um fio rebelde de água que foge do curso do rio
E cava diante de rochas um novo leito para si.
Sou aquela flor que se despetala de propósito
E pensamos ser o vento o algoz, para sentir
A brisa escaldante de outros verões.
E guardo em mimo gosto de tua comida feita em amor
E de surpresa como o gosto de mel
Na boca do profeta.
Tenho emoldurada em minhas mãos a face oculta
De ti, que um dia afaguei e atou-se profunda
Em meus olhos encantados.

VELHO AMOR

Amo, todavia, como um fio de luz morta
que há de chegar a seu destino
e vai iluminar um coração roto, desses comuns.
Contudo te amarei sempre, amor tão profundo será
que o mais distante de ti me servirá de aconchego.
E nas rotas de colisão das traçadas vidas
nos encontraremos, olhos cansados, vestes puídas
e mãos gastas, em um vão secreto de nós dois.
Minha boca não se abrirá.
Saberá que te amei.

ESTRELAS

Como esses gases que brilham
Calçando o firmamento
Tudo em mim é alegria e grita.
Já não são pesadas
As palavras,
Não são zangados os pensamentos.
Carrego aqueles todos que se foram
Em dias de luz ou trevas,
Que habitam a profunda memória
Daquilo que chamo de eu.
São agora sacrossantos deuses,
Visgo que gruda e mela,
Pote de ouro que entrego
Em vão,
Tola caminhada de vingança plena.
Estou agora completo,
Trespasado na mesma lança
Do cordeiro.
Tosquiado, ao sol, indefeso e nu.
Sob minha pele estão meus pais,
Meus irmãos, meus amigos
E as bolas de gude da infância.
Todos eles sou e mais além.
Já não temo.
Abro os braços.

Ergo mãos e cabeça.
Como bicho que sabe da morte,
Dou mais um passo
Em risco invisível no chão.
Meu corpo vai além,
Antes de mim mesmo,
Que é a inconsciência
Do estar sendo.
Sou agora esse, um outro,
Pássaro e diamante,
Barro molhado e gota de sangue,
Bocejo alegre
E desmedida.
Sou tudo aquilo
Que antes não fui.

INCONTIDAS

De joelhos,
Como árvore que tomba
Ao som crepitante do
Instrumento e ser vivente
Que a dilacera
Eu rogo e suplico
Em sufocos de aflição
Que não me venha noite
Vil, com teus grilhões
De escuridão e medo,
Tua solidão mascarada
Sob o brilho das estrelas
Roçando em meu olho direito
A tua ingrata desmedida.
Peço ontem e de antemão
Que passe ligeira como assombro
De ventos na janela,
Sem levar ao chão panos,
Papéis e pratos de mim.
Que a claridade venha
Como a umidade da parede,
Manchando sutil o negrume do céu
De clarão roxo
E me torne,

Oh, rogo, oh, me torne
Lépido como fui
Um dia e tento querer ser.

O DEMÔNIO

Há aquele demônio deliciosamente pervertido
que comigo passeia de mãos dadas.
Nos entreveros do norte e do sul,
gozamos juntos o calor das noites e madrugadas.
É ele/ela que me torna mais justo e atraente
como nos encontros sutilmente vagabundos.
Nas risadas úmidas de emoção
na sarjetas e corpos imundos.
Um demônio imberbe que me torna
um seu escravo e amante.
Que me hipnotiza e transforma e revela
eu e ele tão semelhantes.

AMAR-TE

...amar-te é tanto, não muito.
Amei-te grande assim
Como terras em raízes d'árvores.

...apeguei-me a um sustento claro
Em enigmas de perdição.
Labirintos de deuses em desvelo.

...vim do agora e sem verbo findo.
As mãos não escondem, oh, não!
O saber amar-te.

AMANHECI CRIANÇA

Então amanheci criança
Era tímido e danado
Solar e discreto
Poesia e areia nos olhos
Um sopro
Pele em chamas
Um doce
Um amargor
Um sonho
Uma chave que abre
o nada
E uma chama acesa
sem fim.

AMOR IMPOSSÍVEL

Ah, os amores impossíveis,
os olhares sedentos,
as palavras famintas ainda de serem ditas
nos silêncios gritantes do coração.

Ah, os amores impossíveis,
quanto pode um coração apertado querer?
Um rompante lúdico, menos
lúcido que os instantes
em que você passa e nem percebe.

110 Os amores impossíveis são tão nossos,
e o impossível não sabe e nem quer saber
ou sabe e finge que não, inflamando
teu coração mergulhado
na esperança de querer.

Amores assim impossíveis
são o sonho de nossos pesadelos
vulgares, o riso de nossa
desgraça íntima, e gemem de prazer.
Ainda ontem você passou e nem
lembrou da dor de quem quer, do
prazer de imaginar teus abraços.

Impossíveis, certos amores
se completam ao findar dentro do peito,
na completude da perfeição,
nas compensações intocáveis, naquilo
que não se exprime, no tantinho assim
de riso, assim de contentamento,
de decepção, de ser injustiçado.

Ah, os amores impossíveis!
Rasgando fundo seu coração.
Ah, impossíveis amores!
Tantos foram, tantos virão.

CONFISSÃO

É uma hora que floresce
Ou germina dentro de mim.
Uma vontade secreta
Sem arbítrio ou poder.
Caminho nu e lento.
Escrevo em redondezas e areias prateadas.
Penso se faço café ou chá.
Duvido de mim lento e doloroso.
Amedronta-me o amanhã insistente.
Oro vendo com os olhos de dentro,
Que doem,
Que lacrimejam.
Que se acendem em chamas,
Que não se fecham
Dia ou noite.
Tenho as mãos já calejadas.
Os pés são puro cansaço e prazer.
Os sobrinhos que tenho
E os filhos que não tive.
Guardo lembranças que não dormem.
Se concretizam em qualquer instante.
Recio minha infância.
Estou de braços abertos, esperando
Que tudo aconteça.
Me digo preparado.

Tenho medo, tenho medo, tenho medo
Do que Deus prepara.
Do caminho que a vida pavimenta.
Das sandálias que calçarei.
Do que direi dos amores e aos amores.
Duvido.
Duvido.
E acredito em dúvidas e labaredas.
Já não sei de mais nada.
Me entrego
E fim.

CARNEIRINHA

Na praia
A menina
É menina
É carneira
É leoa amanhã.

A menina na praia
Na areia
É festa
É brilho
É riso
É pura
É terra.

114

Menininha
Teu sorriso
É deus piscando
Os olhos
Para mim.

AGONIA DA NOITE

Eu lembro, eu lembro,
era uma noite quase fria, um gosto de café em minha
boca
e em seguida em seus lábios.
Eu me lembro, eu me lembro,
teu olhar de soslaio, a agonia na noite em possuir
nossos corpos entre os lençóis imaculados.
Ah, eu lembro, eu queria.

AQUILO QUE ADIANTA

Não adianta.

Por essa lente falsa

Pinga a verdade em teu olhar

Doce e que anda pelo mundo com pressa

E medroso.

De um lado ao outro opostos,

As fundições, as torneiras abertas,

Os hematomas das paixões.

Não adianta.

O plástico da retina

Não esconde segredos,

116 Mas o esplendor de um segundo,

De segundas intenções,

De “meu coração acelerou quando te viu”.

Estamos nus no gesto e na forma

Que não disfarça a fome que ainda temos.

Não adianta.

PENUGEM

Nasce do verdor da floresta
Que não há
Um pássaro de duas asas,
Delirante, quieto e assombrado.
Pousa na grade de meu jardim
– Órbita de coisas vazias –
E enche com sua vida arquejante
E sozinha
Aquele instante uno sem paixão.
Traz consigo amantes e amores,
Brilho de olhos
Que se cruzam e lagoas
Cercadas de lírios alvos.
Pousa e repousa tão quieto
Com penugem cinza
– ou azul –
– ou verde –.
A luz me ofusca os olhos.
Bate as asas.
Como raio de luz
Retorna ao firmamento.
Foi Deus.

O FANTASMA

Não é nada.
É a mesma velha ilusão
clareando a hora,
respiro fundo de alento
ao coração,
emparedando o medo e afins,
guardando um pouco a solidão.

118 É aquela velhaca,
riso antigo que sai da gaveta
mascarando os olhos tristes
e o sorriso parco,
passinhos frenéticos
em um mundo fantástico.

Não, não é nada
além daquele fantasma
de esperança.
Enterro as horas vis.

O AMOR ENCANTADO

Tenho um amor encantado

Que anda por aí distante.

Encantado.

Um coração de papel,

Uma barba negra,

Um sol de outono,

Os amigos em festa.

Encantado.

Tenho um amor encantado

Que nunca esqueço.

Que habita minha pele,

Pelos,

Saliva

E dentes.

Encantado.

Que me esquece fagueiro

E não conto carneirinhos pois

O sono está longe.

Noites, noites insanas

Sem o encanto

Do amor encantado.

RIMA

Deste a ele essa dor
Incandescente-rubra
Que atormenta na madrugada
Como um cão que late
Sem hiatos de tempo,
Sem grão
E sem memória.
Ah, a memória, quisera
Desgastá-la, mesmo que seja
Tão doce e aconchegante,
Mesmo que seja a memória
Tua secreta que embala
As noites insones
No buraco profundo
Da cama, na frieza calcinante
Do travesseiro,
Nas garras lancinantes do amor
Que não deveria ser
Rima
Nem dor.

DAS COISINHAS TÃO NOSSAS SUSPIRO FUNDO NO FINAL DO GOZO

Eu já te disse que não esqueço?
Nunca, nunca esqueço de tudo,
das coisinhas pequeninas,
o poder que nos transformou,
a senhora das coisas, desde que o mundo
é mundo que já tudo se transforma.

Eu já te disse que não esqueci?
Das manhãs ensolaradas e frias,
das noites semi-insones de antes
dos risos trincados no amor e na falta,
dos cheiros intermináveis
e persistentes na memória.

121

Eu já te disse que não esquecerei?
E que só os diminutivos
podem descrever a grandiosidade
das coisinhas tão nossas.

É como um delicioso
e tremido toque no arrepio
de nossas peles,
um suspiro fundo no final do gozo.

O RUBOR DAS HORAS NUAS

Soa nítido como um condensado de segundos

Irreais onde se arrastam

As horas inertes, passageiras.

É nesse rubor de horas que o tempo

Aparece nu e quebradiço,

Trovões e estilhaços, susto, medo e dor.

Medo que caia o lanche da tarde,

Ou o prato do meio dia.

É o medo que se vá mãe e pai e amor

E se diga, meu Deus, onde perdi o tempo?

Onde ficaram as horas nuas?

122 Quando deixei de vesti-las com meu riso,

Meu afago, meu café coado?

Quando deixei para trás o riso

Da criança que já não sou mais e

Das brincadeiras sem sentido?

É um rubor de horas passadas,

De tempo perdido em espaço vão.

AS ASAS SECRETAS DE DEUS

De finíssimas delicadezas e encontros Deus é feito.

Esse deus inventado por nós, por mim.

De asas e circunferências ele se torna algo que não sei
quê.

Roça minha pele tão grossa com perninhas tão sutis,
que, pronto para erguer-me, levanto aos céus
e pasto em Sua morada. É a fina ereção.

Uma sua criação que me deixa pasmo de encantos.

Rosa, rosalinda, rosa linda, Linda rosa, Lindaaura, linda
áurea.

Deus pausa e repousa, esse deus de verdades e sonhos
que reinventamos.

123

É cheio de invencionices e caduquices, ranzinza, velho
rabugento e mimado.

Um Deus só de boca e cabelo e dedo em riste.

Sem fome, sem sexo, sem coração, sem riso e sem
catarro no peito.

Um deus que dizemos só de um amor inventado.

Eu também sou Deus, uma sua extensão, criatura e cria
e criador e criamundos.

Deus goza e dança.

É uma Deusa, gazela, fêmea pura luz e amamentação.

Deus toca a moça que goza.

Toca em seu botão sagrado, ponto e vírgula de mil
prazeres secretos, setenta vezes sete delírios.

Deus sai por entre meus dedos e ergue meu sexo para
dentro de mim em olhos virados e boca entreaberta,
expressão de não sei como, de testa franzida.

Bunda arrepiada.

Deus bate as asas e voa tão de repente e sedutor quanto
a hora do pouso.

Ao meio dia Deus é nu como o passarinho que chega e
sai?

No meio da manhã bate as asas e fim.

AH, N'ÁGUAS DE OXUM

A menina roda
A menina dança
Nos olhos d'água
No vão da cachoeira

Yeye Yeye Ye

De oxum
De Oxum
De Oxum
Ah, n'águas de Oxum

125

Você se foi eu fiquei
Com os olhos n'água
Plantei terror
Nos muros de Adão
Fui furacão
Pivete e malandragem
Pedi socorro nas águas de Oxum.
A èkó a egé e ìyálodé iyá awo rò, òrun o yèyè o
Ìyá monlè odò
Òsun a ilé òpó.

ROGO

Rogo pela paz do branco de meus antepassados negros,
que tiveram diante dos tempo de além mar a resistência
para, na cadeia de genes, chegar até esse pequeno que
sou e confirmar sua morada em mim como o novo das
manhãs, como a profusão de gases do céu azul.

Morada eterna.

Ori sobre o solo insisto no perdão de falhas inúmeras,
que intercedam ao Criamundos pela paz advinda Dele
mesmo. E que venha a mim essa paz branca dos povos
negros de meu povo, cajado em mãos, brancos grãos,
centelha pequena para me transformar em um outro eu.

126

Eus.

Pacífico eu seja nessa morada de horrores, descompassos
e lágrimas, que tenha o amparo de entendimento
daquilo tudo que não sei.

E sinto.

E vejo.

Èpa bàbá!





AUTOR

beckeruarlen@gmail.com
facebook.com/uarlenbecker

EDITORA

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Composto em Bell MT e impresso
em Pólen Bold 90g/m² em São Paulo
para Editora Penalux, em setembro de 2017.